

A antiga casa da Câmara e cadeia de Vila Flôr

Jeanne Fonseca Leite Nesi

Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

Pesquisas realizadas por Olavo de Medeiros Filho, junto ao livro de registro dos autos da criação da Vila Flor (arquivado no Inst. Hist. e Geogr. do R. G. Norte), indicam que a Aldeia de Igramació, missionada pela Ordem Carmelita da Reforma, deu origem à atual cidade de Vila Flor RN.

No dia 10 de outubro de 1762, o desembargador Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco compareceu e presidiu à instalação da Vila Flor, que representou a presença de um topônimo português transportado para plagas norte-rio-grandenses.

No dia 7 de outubro daquele ano, fora chantado o pelourinho da futura vila, construído de pedra e cal. O desembargador determinou também as medidas da imensa praça, ainda hoje existente na cidade de Vila Flor. Na praça foram demarcadas áreas, para nelas serem construídas as casas dos que pretendessem residir na



nova povoação. Tais casas ocupariam 6,60m de frente por 13,20 de fundos; com 22m para quintal (medidas convertidas para o sistema métrico decimal).

Na ocasião, também foi reservada uma área equivalente a 13,20m em quadrado, para

nela ser construída a Casa da Câmara, edificação ainda hoje existente.

A antiga Casa da Câmara e Cadeia de Vila Flor representa um dos mais valiosos bens culturais do Estado, por ser um dos poucos prédios do gênero, ainda existentes no Rio Grande do Norte. No prédio

ainda é visto o alçapão, pelo qual os prisioneiros eram conduzidos para a cadeia, que funcionava no andar térreo a exemplo das demais congêneres da época.

O prédio apresenta planta retangular, desenvolvida em dois pavimentos, sendo cober-

to por telhado de quatro águas, com os beirais ainda conservando a tríplice telha, bem característica da época colonial.

A Casa da Câmara e Cadeia de Vila Flor possui, no térreo, um alpendre em forma de "U", bastante vazado por sólidas arcadas. No pavimento superior, as janelas são rasgadas e guarnecidas por grades de madeira. Todas acham-se assentadas em vãos de arcos abatidos, com cercaduras de massa.

O majestoso e imponente prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 16 de junho de 1964.

O prédio quando vistoriado pelo antigo IPHAN, encontrava-se praticamente em ruínas, sem cobertura e apresentando inúmeras fissuras em suas paredes, decorrentes de infiltrações de água. Logo foi providenciada a restauração do edifício, que na ocasião não possuía portas externas, existindo no pavimento térreo apenas duas janelas, emolduradas de cantaria e que serviam para iluminar e arejar o cárcere.

A Casa da Câmara e Cadeia de Vila Flor, juntamente com a Igreja de Nossa Senhora do Desterro, constituem-se os dois grandes marcos da cidade. Pela solidez de suas construções, estão em condições de desafiar o tempo e atravessar os séculos.

Vila Flor, no passado, foi sede de um rico município, no qual ficavam situados os famosos engenhos Cunhaú e Tamatanduba, feudos da família Albuquerque Maranhão, assim como pequenas salinas artesanais, de reduzida expressão econômica. A pecuária também representava uma das riquezas do município de Vila Flor, a exemplo da agricultura (cana de açúcar, algodão, mandioca, fumo, feijão, arroz, milho, mamona) e da pesca.

FONTES: informações prestadas pelo pesquisador Olavo de Medeiros Filho; "Acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Norte", de Oswaldo Câmara de Souza. Edição Fundação J. Augusto, Natal, 1981; pesquisas desenvolvidas pela autora.